

Pedro de Auvergne* SE DEUS TERIA PODIDO FAZER O MUNDO EXISTIR DESDE A ETERNIDADE

Tradução de Joice Beatriz da Costa**

Conseqüentemente, pergunta-se se Deus teria podido fazer o mundo existir desde a eternidade.

E parece que não, porque aquilo a partir de que [algo] posto no ser, tomado com algo de verdade, resulta impossível. É impossível, porque o impossível não segue senão do impossível ou dos impossíveis. O possível é para aquilo, se existir o ato do qual diz-se que tem potência, nada segue de impossível, segundo o Filósofo no livro IX da *Metafísica*¹ e o livro I dos *Analíticos Primeiros*.² Mas, admitido que o mundo existe desde toda a eternidade juntamente com esta outra afirmação que, se o intelecto se separar de qualquer homem, [mesmo assim] permanecendo depois da morte, segue-se o impossível, isto é, que haveria infinitos intelectos em ato. Portanto, se o que foi coassumido é verdadeiro, então o primeiro não é possível, isto é, que o mundo possa existir desde a eternidade.

Em contrário: Isto parece derrogar (anular, tirar) a potência de Deus, a saber, que ele não pode fazer que o mundo exista desde a eternidade. Logo, é inconveniente, e ao máximo inconveniente, segundo Anselmo,³ “a Deus é impossível”; portanto, etc.

Solução

Para a solução deste problema, primeiro deve-se saber (compreender) que eterno é dito como o ente do ente, isto é, permanente, ou como fora dos limites, isto é, princípio e fim. E por essa razão, de um modo, é chamado eterno, porque

* Original apud R. Dales e O. Argerami, *Medieval Latin Texts on the Eternity of the World*. Leiden: Brill, 1999, p. 141-148.

** Agradeço ao Prof. Dr. Reinholdo Aloysio Ullmann o auxílio na revisão desta tradução.

¹ Aristóteles, *Metafísica*, 9, 4, 1047b.

² Aristóteles, *Analíticos Primeiros*, 1, 44, 50a.

³ Cf. Anselmus, *De incarnatione Verbi* 10, ed. Schmitt, II, p. 26.

de maneira alguma tem princípio, nem no ser nem na duração. E assim só Deus é verdadeiramente eterno, e criatura alguma pode ser coeterna a ele, porque, pelo fato de ser criatura, ela tem princípio do seu ser. De outro modo, é dito eterno o que não tem princípio em sua duração, ainda que tenha o princípio do ser. E assim procede a questão proposta; suposto, segundo a verdade da fé, que, a partir do princípio determinado da sua duração, o mundo foi produzido pelo agente, que é Deus, pergunta-se se Deus teria podido fazê-lo desde a eternidade.

E parece que deve dizer-se que Deus pode fazer toda coisa que em si mesma pode ser feita, não repugnando a contradição (desde que não haja contradição). E por isso deve-se considerar se em si mesmo é possível que o mundo exista desde a eternidade ou se em si mesmo é impossível (proibido). Porque, se pode ser feito [o mundo], e se Deus pode fazê-lo, digo, então, que o mundo pode existir desde toda a eternidade [criado] por Deus, e isso não repugna a razão [de ser] dele. Se, porém, repugnasse a ele poder ser desde a eternidade, isso aconteceria ou porque, por sua duração, sucederia que seu ser na duração seguiria o ser do próprio Deus agente, ou porque seria necessário que o seu ser fosse posterior ao não-ser na duração.

Primeiro, portanto, é necessário demonstrar que não é necessário em si mesmo que o mundo no seu ser, segundo a duração, seja posterior ao ser da causa agente. Admitindo-se, pois, a causa por si e suficiente de algum efeito, é possível ser colocado o efeito dela por si no mesmo instante; se, porém, não é possível ser colocado o efeito ao mesmo tempo que é posta a causa, então ela não foi causa plenamente suficiente daquele efeito. Se Deus é causa eficiente e por si o ser do próprio mundo, não lhe falta algo para produzir o próprio mundo. Logo, colocando-se que Deus existe desde a eternidade, é possível que o mundo tenha sido criado por ele desde a eternidade.

Além disso, nenhum efeito, subitamente procedente de sua causa, por necessidade segue-a na duração, como se manifesta quanto à iluminação do ar pelo sol. E diz-se ser a razão disso o fato de que, todas as vezes que é posta a coisa, é possível ela ser o princípio da ação, porque pelo seu ser [a coisa] é princípio dela [a ação], como quando é posto o fogo, ele pode aquecer. Mas, nos agentes, no mesmo instante simultaneamente e para o mesmo, está o princípio da ação e do fim, assim como em todas as coisas indivisíveis. Portanto, nenhum efeito, no mesmo instante procedente de sua causa, necessariamente é posterior a ela na duração. Porém, o mundo não procede segundo o movimento e no tempo, mas na eternidade e, por consequência, no mesmo instante. Assim não é necessário que o mundo seja posterior segundo a duração ao ser do próprio Deus. E nada obsta, se for dito que [Deus] é agente segundo a vontade, porque o agente segundo a vontade age no mesmo instante, a não ser que aja por deliberação. O que é ímpio dizer da vontade divina.

Do mesmo modo, não repugna a ele existir desde a eternidade, pois [não] necessariamente seu ser é posterior segundo a duração do tempo ao seu não-ser. E, em primeiro lugar isso se manifesta por aquilo que foi dito, porque, se necessariamente o seu ser fosse posterior pela duração ao não-ser, necessário seria que seu

ser [existir] fosse posterior pela duração ao ser do próprio Deus, e isso repugnaria a ele e ao mesmo tempo junto com Deus; mas o contrário a isso já foi declarado. Portanto, não é necessário por si que o ser do próprio mundo seja posterior pela duração ao não-ser do mesmo. Por isso é possível que o ser do próprio mundo não seja posterior na duração ao seu não-ser.

Além disso, naquelas coisas nas quais o ser está unido ou pode não estar unido ao próprio não-ser, não é necessário em si que o ser seja posterior em duração ao próprio não-ser. Se, porém, fosse necessariamente posterior em duração, seria impossível existir simultaneamente. Mas ao mundo o ser está unido ao próprio não-ser. O mundo, porém, por si mesmo não existe, mas recebe [tem] o ser de outro, a saber, de Deus, e tudo aquilo, que tem ser por Deus, por si tem o não-ser, tal como o ar por si não é luminoso. Porém, recebe a luminosidade de outro, e sempre, enquanto houver ar, se antes houver um luzeiro [Sol], é luminoso [ar] por outro e não por si. Por conseguinte, não é necessário que o ser do mesmo mundo seja posterior ao mesmo não-ser segundo a duração, porque não repugna ao mesmo mundo em si existir desde a eternidade. Se, portanto, Deus pode fazer tudo o que em si pode ser feito, Deus pode fazer o mundo existir desde a eternidade, de modo que, desde a eternidade, o mundo teria o ser de Deus e, desde a eternidade de si teria o não-ser; isso os filósofos disseram ser a criação, isto é, que aquilo que não existe por si sempre existe por outro. E, segundo esse modo, Agostinho diz, no livro X do *De civitate dei*: “Se o pé desde a eternidade tivesse sido posto no pó, sempre permaneceria a pegada dele, o que ninguém duvidaria ter sido feito por alguém que pisou”.⁴ Do mesmo modo, Ricardo diz no livro I, no capítulo IX do *De trinitate*: “Se existisse algo desde a eternidade que, porém, não existe por si mesmo, a ninguém pareça impossível, como se fosse necessário a causa sempre preceder o efeito, e tudo, que por si provém de outro, sempre fosse posterior ao seu princípio. Eis que o raio do Sol procede do Sol e dele toma a origem, e contudo existe coeterno ao Sol. Daquilo, que [sempre] existiu por si mesmo originou-se o raio, e em nenhum tempo existiu sem o raio”.⁵

Resposta aos argumentos em contrário

Para o argumento oposto, deve ser dito que, se o fim do homem e dos jumentos fosse um só, de tal modo que a alma do homem se corrompesse com a sua corrupção, o predito inconveniente, que parece seguir-se, não se seguiria. Se, também, em todos, o intelecto fosse um único, assim como Averróes colocou, mesmo assim não se seguiria, porém ambos não somente seriam errôneos e heréticos, mas, além disso, falsos e impossíveis, assim como poderá ser demonstrado em outro lugar.

Outros, porém, disseram serem as almas dos homens limitadas em número e [provirem] do primeiro princípio e que aperfeiçoam os corpos finitos no número, provenientes da geração, existente eternamente, mas separadas dos homens pela

⁴ Augustinus, *De civitate dei* 10, 31, CCL 47, p. 309.

⁵ Richardus de Sancto Victore, *De trinitate* 1, 9, ed. Ribaillier, p. 94.

corrupção e, assim, de novo voltam aos corpos, segundo o círculo [na geração]. Por isso dizem que elas às vezes são unidas, às vezes, porém, separadas. Por causa disso, nunca acontece que elas são infinitas [em número], embora a geração dos homens seja infinita, e qualquer que seja [a geração] é aperfeiçoada pela própria alma.

Outros, porém, disseram não ser inconveniente que as almas dos homens sejam infinitas em ato, pelo fato de que nelas não existe ordem essencial de causa e causado, nem resulta delas algo infinito no lugar ou pela quantidade, pois não há a natureza da espécie, de onde a espécie provém; a infinidade de indivíduos repugna aos não-gerados, visto dizer-se dos infinitos segundo a sucessão e se encontrar neles; repugna, porém a alguns indivíduos serem infinitos em ato, porque deles resulta algo infinito em ato, por exemplo, nos que têm quantidade, o que não acontece nas almas. Por isso Algazel na sua *Metafísica* diz: "Em qualquer um em que se encontrar um desses", isto é, a quantidade ou a semelhança, "sem o outro, a infinidade não será removida dele como do movimento do céu". E acrescenta: "Semelhantemente, pois, concedemos que as almas humanas aqui são separáveis dos corpos através da morte, são infinitas em número, embora possuam o ser simultaneamente, porque não existe entre elas a ordem natural, que, sendo removida, deixam de existir as almas, pelo fato de que nenhuma delas provém das outras, mas simultaneamente existe sem anterior e posterior, pela natureza e pelo lugar. Não se entende, porém [que exista] nelas anterior e posterior segundo a natureza a não ser segundo o tempo de sua criação. Contudo, nas essências delas, enquanto essências, não existe de nenhum modo ordenação, mas são iguais no ser, e ao contrário do que acontece nos espaços, e nos (pelos) corpos, e na causa, e no causado".⁶

Por causa disso parece não ser inconveniente dizer que, se o mundo tivesse existido desde a eternidade, e as almas dos homens fossem numeradas (pelo número), e separadas [do corpo] na morte, ou que voltam [retornam] para os corpos segundo um círculo (de forma circular) nascendo de modo finito, conforme a opinião precedente, ou que não é inconveniente elas existirem, ou poderem existir, infinitas em ato, de acordo com a opinião de Algazel e Avicena.

⁶ Algazel, *Metaphysica* 1, 6, ed. Muckle, p. 40-41.